

Maruza Monteiro de Araújo

Victor Rodrigues de Almeida

Graduandos do curso de História da Universidade
Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Francisco Dênis Melo

Professor adjunto do curso de História da
Universidade Estadual Vale do Acaraú

A Produção do Conhecimento Histórico na Contemporaneidade: o desafio de ensinar numa época de incertezas

Resumo

O presente artigo ocupa-se da tarefa de compreender a complexidade do papel do professor de História na conjuntura dos dilemas, problemas, crises, dúvidas, desafios e perplexidades da prática de ensino na contemporaneidade. O mundo do simultâneo, da velocidade, da produtividade exacerbada, das tecnologias de massa, de imagens efêmeras e da racionalidade técnico-industrial que buscam instrumentalizar o indivíduo na engrenagem social. Logo, exige-se do professor de História o empreendimento de repensar seus métodos pedagógicos e o seu ofício de transmissor de narrativas sobre os homens no tempo e no espaço. Atualmente, nas atividades intelectuais estamos inseridos em uma “atmosfera” de pós-modernidade nas questões epistemológicas no Ocidente, isso implica dizer que os historiadores e professores de História estão refletindo o saber historiográfico na perspectiva de sua forma de produção no decurso do tempo, revendo seus conceitos e métodos, para tornar compreensíveis suas narrativas em um tempo de efemeridade nas relações sociais e dominado pelas tecnologias.

Palavras-Chave: Educação; História; Contemporaneidade; Tecnologias; Sociedade;

Abstract

This article deals with the task of understanding the complexity of the history teacher's role in the context of the dilemmas, problems, crisis, doubts, challenges and perplexities of teaching practice in the current contemporary. The world simultaneously, speed, heightened productivity, the mass of technologies, ephemeral images and technical-industrial rationality that seeks to equip the individual in social gear. Therefore, it is required the professor of history the enterprise to rethink their teaching methods and their narratives transmitter craft over men in time and space. Currently in intellectual activities are entered into a "atmosphere" of postmodernity in epistemological issues in the West, this implies that historians and history teachers are reflecting knowledge historiographical in view of their way of production in the course of time, reviewing their concepts and methods to make understandable their narratives in a time of transience in social relations and dominated by technology.

Keywords: Education; History; contemporaneity; technologies; Society;

Introdução

Discutir sobre o conhecimento histórico no âmbito escolar é procurar desvendar o quebra-cabeça de sua produção no seio da sociedade presente, que implica numa formação do sujeito humano. É refletir sobre o ensino de História e suas práticas pedagógicas, sobretudo como estes saberes influenciam diretamente na formação do homem visto como o artífice de sua historicidade e simultaneamente intérprete da mesma. Concerne destacarmos que nós, enquanto construtores e reprodutores da história, não estamos inertes às transformações ocorridas nas sociedades contemporâneas. Estas plasmam nossos valores e exigem-nos novas referências conceituais para compreender a complexidade do real. Somos resultado de processos socialmente construídos. Mesmo que inconscientemente, estamos constantemente em transformação.

O discurso de que a História é a ciência que estuda o passado foi aderida por muitos pensadores e historiadores durante séculos. Porém, em nossos dias, vem se modificando esse paradigma epistemológico no próprio fazer historiográfico. As transgressões neste percurso contribuíram para entendermos que a História é dinâmica e diversa, isto é, a sua construção parte de determinadas épocas, ou seja, o historiador está situado em uma temporalidade e num lugar social na sociedade onde atua. A concepção de história progressista-linear há muito está sendo repensada, como bem coloca Marieta de Moraes interpretando o filósofo francês Paul Ricoeur: "ele justifica a necessidade de reescrever o passado sob as demandas do presente historiador", ou seja, o presente para se conhecer o passado, não obstante, o passado para se conhecer o presente.¹

Pensar o conhecimento histórico com essa perspectiva abrange significativamente o papel do historiador, que outrora tinha a História como algo imutável. Seu percurso era limitado, tal como os positivistas afirmavam. A história vista a partir das totalidades não mais compreende as relações humanas, o papel da história é de enxergamos os sujeitos em suas particularidades, pois é através dos fragmentos que conhecemos tal objeto. A Escola dos Annales proporcionou essa diversificação do conhecimento histórico. A linearidade já não tem a mesma funcionalidade, a história total já não explica o caráter das principais revoluções, sobretudo o homem e a sua relação com o tempo.

¹ FERREIRA, Marieta de Moraes, Renato Franco. **Aprendendo História: reflexão e ensino** São Paulo: Editora do Brasil, 2009, p. 39.

Com a desconstrução desse paradigma, outras lacunas foram criadas no campo histórico. Se antes tínhamos um ponto de partida para tal objeto, hoje, temos que selecionar a partir de que levantaremos hipóteses. Considerando isso para o campo educacional, muitos questionamentos surgem, pois se temos essa diversidade, teremos também de selecionar determinados conhecimentos. Então, qual o papel do professor de história na contemporaneidade? A partir de que devemos ensinar? A história como mecanismo social? Para além dessas questões, deve-se compreender o que são os jovens da contemporaneidade, haja vista que estes vivem no mundo da informação. Como o professor transforma as informações em conhecimentos? Como o conhecimento pode transformar os sujeitos? Esses questionamentos levam-nos a perceber que a produção de sentidos, ou seja, a produção do saber tem a sua trajetória histórica e está em incessante reflexão sobre quais os métodos viáveis de se produzir saber, logo de como ensiná-lo a um outrem. A grande pergunta talvez seja: como o professor de História pode ensinar a juventude contemporânea a pensar historicamente?

O desafio de ensinar História em tempos de incertezas e crises de valores.

A grande maioria dos historiadores no decorrer do tempo dedicou-se ao ofício de lecionar, educar, instruir, ou seja, eles estavam diante do desafio de se fazerem compreender pelos seus alunos. O professor de História na contemporaneidade encontra-se ante uma geração de jovens habituados às tecnologias das mais variadas, em especial, as tecnologias da comunicação. Discutir os dilemas da educação na hodiernidade é compartilhar dúvidas sobre os métodos pedagógicos que nós professores estamos praticando.

Os historiadores, na condição de professores ou enquanto intelectuais que produzem narrativas discursivas sobre os homens em uma determinada temporalidade e espaço, não estão alheios e imunes ao *status quo* da sociedade na qual eles estão inseridos. A construção narrativa de um passado vivido está evidentemente ligada ao presente do pesquisador, logo, suas inquietações e dúvidas provêm dos desafios do presente empírico, uma vez que toda criação historiográfica tem seu lugar social, uma concepção de mundo e juízos de valores lançados às sociedades precedentes. Michel de Certeau sinteticamente nos fornece esclarecimentos sobre a produção do saber histórico e o *modus vivendi* do pesquisador: “Eu me interrogo a respeito da enigmática relação que estabeleço com a sociedade presente e com a

A Produção do Conhecimento Histórico na Contemporaneidade: o desafio de ensinar numa época de incertezas 46
morte”². De alguma forma as questões sociais do presente estão implícitas ou explícitas nas temáticas do historiador enquanto professor. Podemos afirmar, grosso modo, que toda produção histórica é contemporânea. Quem diz “Homem Antigo”, “Homem Medieval”, “Homem Moderno” é sempre um sujeito do saber posterior, isto é, um sujeito situado no presente. É uma atribuição de sentido *a posteriori*.

E o professor de História do século XXI, como interpretar a prática de ensino? E como os educandos abordam essa grande enxurrada de conteúdo? Para o professor de História e seu educando, procurar saber no século XXI é saber selecionar conteúdos eficazes e coerentes, que fazem sentido conjuntural e devemos de certa forma driblar esse grande tsunami de saberes desconexos dados pela WEB.

Todas as sociedades concebem a si mesma como vivendo o tempo presente e, tendo assim, consciência de um passado. A noção de ruptura nos tempos muitas vezes vem acompanhada de transformações de um novo sentido de compreensão e explicação do mundo, isto é, um novo olhar é atribuído às coisas do mundo e à relação do homem com elas. As permanências de visões de mundos, de épocas anteriores tendem a fazer parte de uma nova realidade histórica, mas com novos significados, às vezes camufladas, com um substrato no qual nega muitas vezes suas dívidas precedentes. Nesse sentido, o ato de ensinar tem sua historicidade, e muitas vezes é, por excelência, reflexo da estrutura econômica de uma determinada época, sobretudo das ideias em voga.

No que se refere ao atual panorama da produção do saber, temos Pierre Lévy, filósofo francês que reflete sobre o universo da cibercultura, mostrando que educar na contemporaneidade é travar grande discussão com as tecnologias audiovisuais correntes, buscando também uma forma de diálogo e incorporação das mesmas, usando-as como formas auxiliares da prática de ensino, ou muitas vezes criticando-as³.

Muitos professores tornam-se extemporâneos em sua própria época, desconhecendo as novas tecnologias que podem ser utilizadas na atividade docente. Tais professores são resultado de uma geração na qual o ensino tradicional tinha sua hegemonia. Outra questão que se faz necessário ressaltar nessa discussão é o choque cultural entre professor e educando. Os alunos vistos de sua realidade mais concreta pertencem, na sua maioria, a classes sociais economicamente baixas e com seus valores próprios. Os professores, geralmente oriundos de classes médias, abordam a vida e os acontecimentos com outro viés. O educador precisa estar atento à realidade onde ensina, deve perceber o *lôcus* de sua atividade

² CEARTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 18.

³ SAMPAIO, Marisa Narcizo. **Alfabetização Tecnológica do Professor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 8.

docente e levar em conta na sua metodologia de ensino o nível de seus alunos.

A História, enquanto disciplina escolar, como saber produzido socialmente, como busca de pistas sobre os homens é, antes tudo, uma leitura de mundo por parte do educador e pesquisador, ou seja, está sujeita ao olhar subjetivo de quem a produz. É preciso tornar didático o saber histórico, torná-lo compreensivo para os jovens que nasceram e cresceram em um mundo racionalizado tecnicamente pelas tecnologias virtuais da informação.

O modelo escolar presente no Brasil de meados do século XX em diante é herdeiro da modernidade europeia de fins do século XIX, em particular do modelo francês, tirando inspiração do pensamento positivista de Augusto Comte, onde havia a busca da objetividade, da racionalização dos conteúdos, a estrutura burocrática. Tudo isso teve um impacto direto na formação da escola brasileira. Evidencia-se que umas das consequências do Positivismo no Brasil se faz presente na organização epistemológica das disciplinas, logo, os conhecimentos que no fundo estão conectados com o Positivismo segmentaram-se, fragmentaram-se em disciplinas desconectas da realidade empírica do educando. Quando fragmentamos o saber perdemos a noção do todo, a totalidade dissolve-se. Nossa escola contemporânea no Brasil assemelha-sea uma grande fábrica de produção técnica e burocratizada ao extremo. A escola brasileira moldou e molda o discurso disciplinar dos corpos e mentes de gerações de jovens.

Como ensinar em um mundo permeado de aparelhos eletrônicos cujas informações vêm em uma velocidade assustadora? O que nós professores de História podemos ensinar ao aluno, onde ele não encontrará na WEB? Ou melhor, qual o conceito de ser humano está implícito em nossas leis educacionais contemporâneas? Devemos formar na escola o homem reflexivo, crítico, sensível, artístico, ou devemos formar simplesmente seres imaturos para o mercado de trabalho, para a produção em massa? Será que o objetivo de nosso país, embriagado por uma ideologia burguesa e progressista, é formar somente para o saber técnico-industrial?

A presença constante de tecnologias audiovisuais na sociedade brasileira entre jovens levou grande parte dos educadores a repensar suas práticas didáticas, procurando compreender a nova sociedade em curso, tentando responder aos desafios de transmitir saber no mundo da informação.

Perspectivas e discussões no saber historiográfico

Eric Hobsbawm, historiador inglês, escreve em seu livro *A Era dos Extremos*:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do milênio. Por esse motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores.⁴

O desafio que cabe ao historiador e ao professor de História na contemporaneidade é a busca incessante pelo conhecimento histórico, aplicando este como afirmação da construção do sujeito, ou seja, da sua relevância como processo indissociável para a formação humana. Pois, como sujeitos produtores de história, devemos compreender que o saber histórico é fundamental para o nosso crescimento, sobretudo em tempos hodiernos, na qual os jovens vivem em um “presente contínuo”, nas palavras de Hobsbawm, onde o passado pouco importa.

O próprio conceito e a utilidade da história vêm se modificando. Novos paradigmas são apontados, outros são desconstruídos, pois a sociedade é pensada a partir de seus interesses. Essa discussão em torno da eficácia dos conteúdos programados ou mesmo das metodologias aplicadas há muito vem sendo pensada. Na década de 1960 o debate se debruçava em torno dos estudos sociais, que o mesmo já não poderia se limitar a formar um país de caráter nacionalista, haja vista as transgressões ocorridas naquela época. Circe Bittencourt escreve:

Considerando o momento histórico de vivência em um mundo difícil e conturbado, o estudo social já não se poderia limitar a desenvolver um espírito patriótico e nacionalista de feição ufanista, mas deveriam criar meios de frear as inquietações de uma geração em um mundo submetido a um ritmo acelerado de transformações de seus valores tradicionais, tais como família, as condições de trabalho e a ética.⁵

⁴ HOBBSAWM, Eric: **Era dos extremos: O breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 13.

⁵ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**. Fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011, p. 74.

Percebe-se a preocupação acerca dessas novas mentalidades que vem sendo incorporadas no âmbito social. As inquietações do que ensinar e para quem está se ensinando tem sido um desafio para os docentes, pois mudam-se as metodologias num processo ainda mais rápido, mudam-se as as formas de pensar.

Com o advento do capitalismo as relações pessoais, profissionais e interpessoais modificaram-se significativamente. Tem-se na modernidade relações baseadas em tudo que é novo, ou seja, da mesma forma que ganhamos, estamos também sujeitos a perder. Karl Marx ao afirmar que "tudo que é sólido, desmancha no ar", já nos apontava essa concepção da nova sociedade, onde tudo se tornou efêmero para atender às necessidades do mercado, tem como consequência, sobretudo, o sistema capitalista vigente. Com essa transposição de mentalidade modificaram-se também os valores incorporados pelo seio familiar. As tradições que há muito faziam parte do conceito de família, fossem os valores morais, sociais e político, foram também transgredidos. Essas mudanças de valores geraram consequências na educação. Nesse sentido, será o conhecimento histórico algo importante para essa nova geração?

Com essas perspectivas de ensino, muitos questionamentos e reflexões são despertados, pois se entende que o docente tem o papel fundamental na construção do saber nas instituições escolares. O mesmo tem a capacidade de transformar as informações recebidas cotidianamente pelos seus discentes, fazendo com que estas sejam transformadas em conhecimento. Edgar Morin, em seu livro *Cabeça bem feita* diz:

O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionando com as informações inserido nos contextos destas. As informações constituem parcelas dispersas de saber. Em toda parte, nas ciências como nas mídias, estamos afogados em informações. O especialista da disciplina mais restrita não chega sequer a tomar conhecimento das informações concernentes a sua área. Cada vez mais, a gigantesca proliferação de conhecimentos escapa ao controle humano (MORIN, 2003, p.16).

Dessa forma, compreendemos que o conhecimento passa por etapas, ou seja, ele é construído a partir de nossas vivências em sociedade. Existem significativas diferenças entre informação e conhecimento. Informação se limita à superfície do objeto percebido. Conhecimento engrandece, faz mergulhar no despercebido, buscando crescer na incompletude de sua existência. Quem conhece transforma e faz proposta à sociedade injustamente hierarquizada.

Percebe-se na hodiernidade o interesse dos jovens pelas informações, pelo novo.

Eles vivem em um “presente contínuo”, estão constantemente em redes sociais, compartilhando matérias, sobrevivendo no caos das informações. Dessa forma, criam-se lacunas, pois o conhecimento torna-se limitado. Dessa forma nos encontramos na superfície do saber. Assim, entendemos o professor como um mediador nesse processo, e como o docente tem essa capacidade de transformar, entende-se que o mesmo tem também o papel de humanização nas experiências desse sujeito.

Faz-se necessário entendermos que o professor tem também suas limitações, o mesmo depende de outras instituições, além do espaço escolar para que seu papel seja realizado. Sabe-se que a escola tem um papel fundamental no processo formativo de novos cidadãos, mas compreende-se também que a mesma é uma instituição política, isto é, tem interesses específicos naqueles que formam. Deve-se pensar a escola junto à sociedade como processo indissociável na elaboração de seus mecanismos de formação para os sujeitos. “Em nossa sociedade, a educação possui um espaço especializado, a escola, que não é e não pode ser entendida como uma instituição auto-suficiente e independente” (SAVIANI, 1985. p. 27-28).

Diante disso, cabe repensarmos sobre o desafio de ensinar e como ensinar para os jovens, que buscam cotidianamente o novo. Muitas inovações estão sendo pensadas e aplicadas em algumas escolas, pois se sabe que a escola não deve ser diferente do mundo, já que os espaços frequentados pelos estudantes fora da escola são transmitidos para o espaço escolar. Seria contraditório se a escola ficasse inerte a essas novas caracterizações apresentadas pela modernidade. Porém, não devemos pensar a instituição escolar somente como um espaço para a reprodução desses mecanismos disciplinares que muitas vezes deturpam o saber histórico.

É necessário que o professor mantenha seu ofício em sala de aula, tendo dessa forma um diálogo entre o que pode ser incorporado nas escolas, no que se refere aos novos métodos, e que o mesmo seja como contribuição, e, sobretudo, favoreça no aprendizado dos alunos.

Torna-se necessário que o docente agregue esses aparelhos tecnológicos como forma de interação na sala de aula, tendo em vista que o conceito de tecnologia vai além desses aparelhos que conhecemos em nossos espaços, pois a mesma é também uma necessidade, isto é, um aparato que permite ao homem quebrar paradigmas. Deve-se compreender que o professor é insubstituível nesse processo. Os meios podem ser inseridos no cotidiano escolar, mas como uma forma de ampliar e “conquistar” os discentes.

Muitas instituições escolares estão se “modernizando” tecnologicamente em busca

de “chamar” a atenção dos estudantes, sobretudo modernizando no sentido das novas caracterizações nas salas de aulas, aplicando aparelhos tecnológicos, modificando muitas vezes o espaço da sala, porém, a perspectiva de ensino permanece a metodologia aplicada quando ainda se tinha o tradicionalismo. Podemos chamar isso de uma nova metodologia tradicional ou tecnologia?

Faz-se necessário que os professores estejam familiarizados com as tecnologias apresentadas, que o mesmo interaja com seus instrumentos em sala. Destaca-se também a realidade dos estudantes, que mesmo sabendo da massificação das tecnologias, ainda há sujeitos que não tem acesso a tais aparelhos desenvolvido na modernidade.

Considerações finais

A escola contemporânea brasileira é herdeira da modernidade tecnicista europeia de fins do século XIX, “o século da ciência”, da filosofia positivista, da “morte de Deus” enunciada por Nietzsche, do capitalismo imperialista. Somando-se a isso, um conjunto de novas tecnologias revelou-se aos homens desse período, levando-os a interpretar suas vidas cotidianas com a consciência de uma diferenciação de um passado “atrasado”, “primitivo”, “obsoleto”, etc. Todo esse aparato tecnológico deixado pela modernidade enquanto projeto de mundo não seguiu em harmonia com a formação educacional e axiológica dos indivíduos inseridos em sociedade, ou em outras palavras, uma sociedade que produz e domina tecnologias não equivale a dizer que ela promove a dignidade do homem enquanto ser, emotivo, afetivo, altruísta e virtuoso. Para Eric From, vivenciamos na contemporaneidade a sociedade da primazia do ter em detrimento do ser. Logo, para a maioria das pessoas, estar em sintonia com as novidades tecnológicas incessantemente criadas é comungar e adquirir o título de pertencer a um *status social* no grupo ou classe determinada.

A escola é uma instituição dinâmica no Ocidente, defini-la restritamente é entrar em reducionismo. Ela tem um caráter histórico e as sociedades contemporâneas a entendem diversamente sua funcionalidade e o seu papel de interventora da vida no mundo técnico-industrial. O professor engajado no desafio de ensinar em tempos hodiernos, precisará elaborar uma crítica da modernidade enquanto projeto tecnológico de mundo, uma crítica aos valores fundamentais que sustentam a cultura moderna. Só assim, conseguirá apropriar-se de forma consciente das novas tecnologias na sua prática de ensino, sabendo que entre homem e máquina existem fronteiras, que é sensato saber que o homem em sua integridade não poderá ser substituído pela lógica das máquinas.

Os ventos do niilismo pós-moderno manifestam-se pelo estado de crise dos grandes modelos explicativos do mundo, tal como a crise do modelo clássico-renascentista presente na Europa durante muito tempo. Houve modernidade europeia de fins do século XVIII e durante todo o século XIX, a presença da ideologia do progresso material e espiritual dos homens, uma forte convicção no poder da razão humana, na ciência, na história, um ideal de felicidade preconcebido, de futuro promissor proporcionado pelas descobertas tecnológicas. É também marcado por grandes movimentos sócio ideológicos, que ganharam grande força no século XIX, como o nacionalismo, o feminismo, o socialismo, o anarquismo, o sindicalismo, o industrialismo etc. Já o clima pós-moderno atual não só se manifesta na educação, mas nas diferentes esferas da vida humana.

Referências bibliográficas

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História.** Fundamentos e métodos. São Paulo, Cortez, 2011.
- FERREIRA, Marieta de Moraes, Renato Franco. **Aprendendo História.** Reflexão e ensino. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.
- HOBSBAWM, Eric: **Era dos extremos.** O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- PINSKY Jaime. **O ensino de História e a criação do fato atual.** São Paulo: Contexto, 2009.
- SAMPAIO, Marisa Narcizo. **Alfabetização Tecnológica do Professor.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.